

A Revista Vernaculum Flor do Lácio entrevistou Pedro Paulo Monteiro, ex-aluno e professor da Universidade Católica de Petrópolis, escritor e gerontologista.

Revista Vernaculum Flor do Lácio: Professor, como surgiu a ideia de escrever um livro?

Prof. Pedro Paulo: Quando comecei a escrever, não imaginava que seria um livro. A ideia era fazer um registro de casos para estudos acadêmicos. Eu comecei a atender pessoas acima de sessenta anos e verifiquei que essas pessoas tinham uma transformação corporal muito significativa que, dentro dos parâmetros da Medicina Tradicional, não era possível acontecer. Comecei a filmar e fotografar para mostrar em congressos, mas pensava que essa realidade que eu estava presenciando merecia ser mostrada para um público maior. Elaborei uma pesquisa de campo com três mulheres acima de setenta anos, acompanhando e registrando durante dois anos suas histórias de vida. Mas a forma como eu havia criado o modelo, parecia muito literário, não tinha o corpus de uma pesquisa científica de estudo de casos. Esta característica chamava a atenção por ser diferente de tudo o que eu já tinha feito. As pessoas que leram, comentaram o quanto haviam gostado. Duvidei, mas pensei que se fosse verdade, eu conseguiria publicar. O segundo passo foi a formatação para livro que precisei aprender. Mande e-mail para vinte e quatro editoras, oito responderam e dessas oito, apenas quatro disseram que gostariam de ler. Mas a editora que lançou o livro não foi nenhuma destas. Lancei o livro pela Editora Autêntica.

RVFL: O senhor precisou fazer algum aperfeiçoamento para a carreira de escritor?

Prof. PP: Precisei aprender a técnica. Escrever não é só escrever. Você pode ser uma pessoa extremamente talentosa, mas ao escrever o texto literário precisa saber usar os códigos que essa linguagem tem. Confesso que a aprendi após a publicação do livro, há dez anos atrás. Fiz um curso para escritor com Perissé, no Rio de Janeiro.

RVFL: Após adquirir a técnica, ficou mais fácil escrever?

Prof. PP: Quando fui escrever o segundo livro, senti que paralisei entre a técnica e a vocação. Não sei como isto me atrapalhou. Precisei continuar a escrever como se fosse exercício de música, todo dia durante uma hora para não perder a prática. Criei um blog para praticar.

RVFL: Quanto tempo você usa para procurar um tema?

Prof. PP: Eu percebo hoje que um livro demora muito mais tempo no meu imaginário do que rascunhando uma ideia. Há anos eu penso em escrever sobre a maldade. Ainda estou rascunhando as impressões sobre o tema que não tem a ver com o que vemos hoje em dia no noticiário. É algo mais sutil o que pretendo escrever... Tenho a intenção de trabalhar com histórias.

RVFL: O senhor pensa que esse formato de literatura facilita o interesse pelo livro num país que ainda não é de leitores?

Prof. PP: Não tenho dúvida disso! Quando você vai escrever algo precisa pensar se será interessante ler sobre o que estou escrevendo. Em minha opinião, quando você trabalha com histórias do cotidiano, as pessoas ficam muito envolvidas. Percebo muito isso nas minhas palestras. Além disso, possibilita que as pessoas se vejam através das personagens.

RVFL: O que os seus livros trazem para os seus leitores?

Prof. PP: Eu procuro trazer minhas memórias, minhas vivências, meus sentimentos, tecidos com o enredo das histórias das personagens para humanizar o texto., aproximar e dialogar com os leitores. No segundo livro, “Quem somos nós” eu procurei falar do autoconhecimento através do corpo. Pude perceber ao longo desse tempo, que a literatura deixa umas lacunas para que o leitor possa preenchê-las. É dessa forma que acontece o diálogo.

Ao trabalhar com a gerontologia, que é a história de vida da pessoa, percebi a importância da própria história de vida dele para uma reflexão de sua vida com o texto. Meus leitores concordam que os meus livros “fazem pensar”.

RVFL: Nas livrarias a disposição dos seus livros é “autoajuda”?

Prof. PP: É muito engraçado isso! O mesmo livro tem sugestões diferentes de segmento e disposição. Numa loja é autoajuda, em outra filosofia, em outra medicina, arte. Não pretendo trabalhar com nenhum segmento específico. Quando vejo essa variada classificação, sinto que atingi o meu alvo, que é a diversidade.

RVFL: Como foi escrever livro infantil sendo um profissional de gerontologia?

Prof. PP: As pessoas sempre me perguntam isso. Na verdade, eu trabalho com o envelhecimento e ecologia, e o enredo desta fábula infantil trata exatamente sobre essas duas questões. As personagens da fábula precisam resolver uma questão em comum e decidem contar com a ajuda de uma velha do rio, que por colecionar histórias de vida, sabia como ajudar. O livro mostra como se desenvolve a relação dos jovens com a pessoa mais velha e a situação ecológica que estava envolvida. Além disso, a ilustração ficou muito bonita e valorizou muito a história. O livro também tem muitos símbolos, como as cores, as relações entre os seres. Outras curiosidades: escrevi este livro em duas horas sentado no sofá da minha casa. A Editora que o lançou não é a mesma, é a Cortez. Este livro levou mais de quatro anos para ser publicado, embora o projeto já tivesse sido aprovado.

RVFL: O senhor mencionou um interesse em fazer um trabalho com o público infantil. Como seria?

Prof. PP: Pretendo fazer um trabalho voltado para a leitura. Percebo uma dificuldade muito grande na leitura dos graduandos e pós-graduandos e penso que fazer um trabalho no ensino fundamental ajudaria a diminuir, senão acabar, com essas dificuldades. Penso que quem lê e como lê influencia muito. Este livro infantil, por exemplo, está cheio de símbolos. Se uma professora que o usar em sua sala de aula, não perceber a leitura simbólica contida, perderá muito do texto e isso empobrece a leitura, não permite que quem escute possa fazer inferências: há muita coisa por trás de um texto...

RVFL: Qual dos livros o senhor escolheria como o que mais o identifica ou o aproxima de si?

Prof. PP: É incontestável o valor emocional do primeiro livro, mas o terceiro livro, “A Mente e o Significado da Vida”, eu penso que é o que mais se aproxima de mim, por conter uma narração em primeira pessoa e por todas as referências de sensações, sentimentos, emoções e memórias serem as minhas. Eu utilizo os conceitos da Neurociência para tecer o enredo do significado da vida com os quadros mentais das minhas memórias de criança, minhas experiências desde a adolescência, ou seja, numa compreensão das fases da vida de qualquer pessoa, mas, no caso, de mim mesmo. Tudo isso, a meu ver, o torna especial, mais maduro e um tanto ousado. Eu procuro ser autoreferencial em tudo que faço.